

Em vez do fim da História estamos no fim da picada

Dizíamos, terminando nosso editorial de ontem, que nenhum dos 22 candidatos que pretendem conquistar a Presidência da República no próximo dia 15 de novembro deu, até agora, qualquer indício de que tem conhecimento daquela transformação ocorrida no mundo depois da Segunda Guerra Mundial, que o pensador norte-americano Francis Fukuyama analisou com grande lucidez no artigo **O fim da História** publicado no nosso **Caderno de Sábado** último.

Se a vitória total do liberalismo econômico e político a que o autor do artigo se refere, que resultou na fantástica prosperidade que caracteriza os países que já praticam esse liberalismo há algum tempo, com a eliminação da miséria absoluta, foi tão insofismável que venceu até a barreira da **cortina de ferro**, provocando uma verdadeira revolução no mundo comunista, dizíamos no editorial de ontem, ela ainda não teve força para vencer a barreira da **cortina de ignorância** que tolda a visão da maioria dos nossos políticos e dos nossos presidentiáveis.

Vejamos, por exemplo, o que acontece com o Lula da Silva, sem dúvida um dos candidatos mais autênticos na exposição de suas convicções ideológicas. Ao visitar a Europa Ocidental, logo depois de lançar-se como candidato, o ex-líder sindical foi capaz de observar que lá já se morre de tédio — o tédio produzido pela fartura material e pela conseqüente segurança política e social — enquanto aqui, no Brasil, continua-se a morrer de fome.

Em outras palavras, Lula pôde ver com os próprios olhos o resultado da vitória do liberalismo econômico e político que mereceu a análise irrestrita-mente otimista de Fukuyama.

A despeito disso, no entanto, discípulo que é dos ideólogos da Igreja Católica que seguem as tradições da Contra-Reforma inquisitorial, ele não admite que para tentar evitar que os brasileiros continuem a morrer de fome se experimente a fórmula que levou os europeus ocidentais a começarem a morrer de tédio.

Fiel à doutrinação dos contra-reformistas católicos, ele continua condenando intransigentemente o lucro e a eficiência do empresário privado — e até a prosperidade privada dos meios de produção — e, por isso, diante de um Brasil dividido entre dois setores econômicos completamente distintos — um, o estatal, que está literalmente falido, que produz a maior inflação do planeta neste momento, e que, ainda assim, sustenta uma imensa casta de privilegiados, em sua maioria parasitários, e outro, o setor privado, que já deu ao centro-sul do país níveis de desenvolvimento próximos dos de países europeus, que dá lucros, que cria riquezas, que proporciona a imensa maioria dos empregos à massa trabalhadora e, ainda por cima, mantém artificialmente vivo o setor estatal falido, com impostos e empréstimos — ele se declara honestamente decidido a ampliar aquele e liquidar com este.

Aos empregados dos empresários privados, nacionais e multinacionais, ele promete que fará seus patrões deixarem o país, o que, aliás, em muitos casos será desnecessário. Como os 600 mil cubanos que deixaram seu país quando Fidel Castro assumiu o poder revolucionário, que, hoje, formam uma próspera comunidade na Flórida, tendo, inclusive, conquistado a prefeitura de Miami, e como os milhões de

alemães-orientais que vêm fugindo do regime em que Lula acredita desde o final da década dos 40, não apenas empresários nacionais e multinacionais mas também milhões de trabalhadores brasileiros embuídos da “síndrome de Governador Valadares” deixariam espontaneamente o país no caso de a economia nacional sofrer o golpe de misericórdia que seria uma vitória do candidato do PT.

Esses brasileiros, particularmente os empresários que já revelaram sua eficiência aqui, não teriam qualquer dificuldade em continuar prosperando e enriquecendo onde a prosperidade e a riqueza individual não é crime, mas galardão, como, por exemplo, os Estados Unidos, onde já vivem e prosperam milhões de fugitivos do socialismo do mundo inteiro.

O problema que Lula teria de enfrentar seria o que fazer com os milhões de empregados dos empresários que ele quer ver fora do país e que não teriam possibilidades de seguir os seus atuais patrões.

Mas, mais espantoso do que essa cegueira produzida pela doutrinação da Igreja da Contra-Reforma — que leva o Lula da Silva a assumir atitudes tão historicamente radicais nas suas aparições na TV que muita gente poderia confundi-lo com o Eneas, não fosse a circunstância de o Eneas gritar toda a vez que aparece que seu nome é esse — é o fato de nenhum dos candidatos que se dizem liberais, de centro ou de direita, ter, até agora, experimentado explicar ao eleitor que pretendem conquistar como é fácil reproduzir aqui o mesmo fenômeno que fez a miséria desaparecer tão rapidamente de países que há apenas quarenta anos possuíam economias incipientes.

Essa é, sem dúvida, a maior ameaça à nossa incipiente democracia. Na primeira prova decisiva a que ela é submetida, entre 22 candidatos à Presidência da República, apenas dois podem ser considerados absolutamente autênticos na defesa de suas idéias. E esses dois — o candidato do PT e o candidato do PCB — não chegam a ter idéias, mas sim ideologias.

As duas praticamente idênticas, totalitárias, totalmente desmoralizadas no mundo inteiro pela realidade contemporânea que prenuncia o **fim da História**. Todos os demais, inclusive aqueles que se dizem plenamente identificados com o liberalismo econômico e político vitorioso no mundo da modernidade, até agora se furtaram a defendê-lo e a promovê-lo, limitando-se a fazer qualquer negócio para ganhar votos. Aqui, como se vê, em vez do **fim da História**, continuamos no **fim da picada** em matéria de lideranças políticas.